



Carmen M.S.F. Piloto

prosa & verso

Coordenação do Grupo Oficina Literária de Piracicaba
http://globo.piracicaba.blogspot.com
RESPONSÁVEIS PELA PÁGINA: Ivana Maria França de Negri - ivanamfn@yahoo.com.br
Carmen M.S.F. Piloto - carmenpiloto2@gmail.com

Ano XXIII - N° 1115

Ivana Maria França de Negri



PROSA

ONDE SERÁ QUE ELE ESTÁ?!

Maria Madalena Tricânico de Carvalho Silveira

As comadres estavam preocupadas com Dona Olga, pois ela estava muito deprimida. Muito elegante, sempre preocupada em estar bem vestida, com simplicidade, mas dásica.

Casada com um fazendeiro que tinha vindo do "além mar" e tinha conseguido "enricar". Velei fazer a América...

A Casa Grande era realmente ampla com muitos compartimentos, salas imensas, móveis verdadeiras obras de arte, madeiras de lei e mármore importados.

O casal tinha cinco filhos que, diariamente eram apontados impecavelmente por uma governanta e, levados para escola por um empregado de confiança.

A Casa Grande tinha muitos empregados, mas o fazendeiro Raul só contava com sua esposa Olga preparava. Ele viajava muito para desenvolver suas compras e vendas e ela tinha maior prazer em cozinhar.

Olga também tinha que passar seus ternos de linho, pois o marido percebia quando eram as criadas que fazia o trabalho. Era tudo muito normal, fora educada para "servir ao seu esposo".

Não existia ferro elétrico a vapor, era ferro a brasa mesmo que tinha que controlar a temperatura para não queimar o tecido.

As lavagens dos ternos eram feitas por Dona Adelaide, criada que sua mãe entregou para a filha Olga quando esta jovem casou.

Dona Adelaide fazia sua tarefa com muito amor para que sua "sinha-zinha", pois não queria que ela visse as marcas deixadas pelas amantes e pelas esbômbias frequentes.

Os filhos todos foram estudar nas facultades das grandes cidades e a fazenda foi ficando fora dos planos dos herdeiros.

O fazendeiro Raul foi negociando partes das terras por apartamentos para os filhos e contratando técnicos para fazer os serviços que ele próprio fazia e que agora não tinha mais condições físicas nem vontade para executar-las.

Olga já não conseguia fazer o que gostava tanto e Raul também não percebia como eram feitos os pratos preferidos ou o cuidado com suas roupas.

Continuava viajando e a mala era um mistério para Olga. Como Adelaide tinha falecido, ela sempre escutava ponta de conversas:

-A mala voltou com roupa limpa...

-Voltou só metade da roupa que levou! Acho que jogou parte no lixo...

Olga muito deprimida nem sempre entendia do que as criadas estavam falando, mas começou a perceber que fazia vários dias que ele não via Raul, ele não voltava da viagem, ninguém comentava e os filhos faziam visitas rápidas só para saber se ela estava bem de saúde, não perguntavam sobre o pai que estava sempre trabalhando...

Seu coração estava querendo falar alguma coisa...

Recebeu a visita de sua comadre Iracema e nesta mesma tarde estavam suas vizinhas mais próximas para um lanche. Iracema chegou e foi logo perguntando: -Já falaram que o marido dela morreu?...Não! os filhos têm medo que ela não esteja a notícia... Ela está muito deprimida. Disse o filho médico...

-Que nada! Eu conheço minha comadre. Ela é uma mulher muito forte, uma guerreira!

-Olga estou aqui para te ajudar. Raul faleceu, minha amiga! O que você precisa?

-Oh! Iracema, minha querida amiga e comadre! Por favor me ajuda, pega meu pretinho básico, sapatos e bolsa combinando e algumas joias discretas. Me ajuda a tomar banho e me perfumar.

-Mamãe! Você está bem, quer um calmante?

Quando o filho terminou de falar e porta do quarto já estava fechada.

-Iracema! Pensei que ele tinha ido morar com alguma sergaita e ainda teria que enfrentar um divórcio...

-Amiga! As viúvas são as únicas mulheres que têm certeza de onde seu marido realmente está!



00000

A SILHUETA DE HIROSHIMA

Cássio Camilo Almeida de Negri

O céu amanheceu limpo, sem nenhuma nuvem. Atrás da montanha, o sol nascente estavava no firmamento o símbolo nipônico. Nem parecia que estávamos em guerra aqui em Hiroshima. As incessantes sirenes, que anunciavam os bombardeios americanos, há dias não soavam.

Eu estava no pátio da escola com a vassoura nas mãos, varrendo das folhas mortas, pois era o servente. A hora do recreio findara há instantes e todos estavam de volta às salas de aulas.

De repente, uma rajada de energia que parecia vinda do portal do inferno recém-aberto, me estatelou na parede caiada do espesso muro de entrada. Minha consciência se apagou e nada mais percebi. Dias depois, recobrei a consciência e me vi andando sem rumo pelo jardim que agora mostrava somente árvores carbonizadas. Da escola, só restavam algumas paredes, o teto, assoalho, vidros, tudo havia evaporado.

Via corpos carbonizados e outros andando sofregamente, completamente nus, carnes queimadas, como que derretidas e escorrendo dos fêmures, tibias e ulnas. Muitos corpos a tremer pelo chão sendo devorados por bilhões de vermes dos ovos das moscas ali depositados. Disso só calculei que o inferno passara por ali há dias.

No entanto, eu não sentia nenhuma dor. Continuava saudável e belo, como sempre fora, como a flutuar entre as fumaças e o odor de carne podre, tentando alijar os combalidos.

Imaginei então que deveria ser um ataque americano com uma nova arma, a do juízo final. Mas eu, aqui tão bem, como é possível não ter sido atingido? Não tinha tempo para pensar muito, pois precisava prestar socorro aos outros. Os dias se passavam e eu não sentia fome, sono, só queria doar minha cota de ajuda aos sofredores. Após mais de três meses, sem sentir nenhuma necessidade, nem de beber água, comecei a achar estranha aquela situação.

Voltei à escola, e na parede caiada de branco, vi impressa uma silhueta negra com boné e vassoura na mão e samantã natural. Foi quando compreendi o que minha mãe dizia e eu, como jovem, ainda não acreditava: "A morte não existe, pois a alma é imortal".

Meu corpo fora vaporizado e aquele contorno negro de minha silhueta, gravado na parede branca, era tudo o que restava.



QUERO MORRER SEM SABER QUE MORRI

Plínio Montagner

Que desejo estranho é esse. Quem morre, é claro que não sabe que morreu. (Ou sabe?). É certo também que ninguém gostaria de saber quando vai morrer. Pelo menos eu não quero. Credit! Algumas pessoas otimistas que minimizam a morte dizem que existe o lado "bom": vão se encontrar com o seu Deus, as dores e as angústias terminam -e as dívidas... Mas... será que é bom só porque os sofrimentos acabam e não tomamos mais remédios? Ninguém sabe o que há do lado de lá; todo mundo "chuta".

Outra coisa -se acabam as coisas ruins, não acabam também as boas? Ora, então é melhor ficar por aqui mesmo. Não dá nem para imaginar ficar sem a companhia e o afeto de nossos pais, filhos, netos, esposa, marido, avós, amigos. E mais, como abandonar nossos discos e livros, nosso jardim; não ouvir mais O Trem das Onze, Besame Mucho, Brasileirinho, Moonlight Serenade, e Lupicino, Chico, e Choppin...? Dá arrepios. Que se dane a morte.

Vou morrer contra minha vontade, eu sei, e quando chegar o dia não quero saber que morri; não quero alguns nem flores nem a bandeira do Corinthians. Inferno? só faltava essa, além de perder coisas boas daqui ainda precisamos tomar cuidado para não passarmos algum tempo no inferno? Caraca!

Seja lá para onde a gente for (se formos mesmo), acho que as belezas do céu serão bem diferentes das daqui. E claro que não tem praia, barulho de chuva, flores, pastel, pudim de queijo, cerveja e a beleza feminina. Então, val ter o quê? Querem saber? Vamos nos esforçar para permaneceremos vivos o mais tempo possível, mesmo com chefe ruim, salário de fome, um monte de impostos, pobreza e dorzinhas aqui e ali. Não inventaram até essa máxima? -"Se morrer é descansar, prefiro viver cansado".

Hoje vi no quintal do meu vizinho o que sobrou de um imponente pé de jacarandá. Agoniante, seco, galhos caídos, tronco cheio de formigas e outros bichos. E ainda, sem nenhuma cerimônia, um pica-pau tirando proveito. Toc, toc, toc! O francês Lavoisier estava certo: tudo se transforma: nada se perde, nada se cria, nada permanece nem fica do mesmo jeito.

Um dia seremos um corpo à disposição dos bichinhos que a gente vê nos microscópios. Infelizmente valorizamos meio tarde a fim para paz e a saúde. E só percebemos quando nossos créditos estão acabando, a diabetes se instala, o coração muda de ritmo e outras doenças aparecem. Isto lembra a história do cesto de jabuticabas. Quando está cheio, os frutos menores, felos, defeituosos são deixados de lado; mas na medida em que vai se esvaziando vão saboreados devagarinho, até o caroço. Nesses momentos os ateus desaparecem do mapa. Acreditam em tudo, em todos os deuses e santos.

Dizem que quando um avião está caindo não existe nenhum ateu dentro dele... Não é fácil identificar o essencial. Por isso desperdiçamos tempo valorizando o supérfluo e vitórias bobas. Uma companhia de qualidade é o que vale; a boa cepa é que é o essencial, não o rótulo, não a taça nem o guardanapo.

(Publicado em abril de 2010)



00000

ÍNDIO

Ludovico da Silva

Dentro de pouco tempo, não se ouvirá mais falar de índio, a não ser como lembrança, que ficará marcada como saudade. O contato direto com as civilizações mudou seu modo de viver. A maioria das tribos mudou o comportamento primitivo.

Aquele ser humano encontrado em estado selvagem, mas feliz na sua vida cotidiana, aos poucos, está desaparecendo. Mesmo algumas nações consideradas extintas, redescobertas, apresentam atualmente estágio de comportamento para sua espécie, quer como evolução social, em relação à primitiva, como no desenvolvimento do cultivo da terra, para sua sobrevivência. Claro que o progresso, evidenciado com o passar do tempo, se deve à presença de mentores preparados no processo de evolução desses povos, embora com prejuízos aos verdadeiros valores indígenas. Nesse aspecto, difícil é salvar por inteiro as riquezas milenares dessas famílias, ou fazê-las mudar hábitos e costumes de sua sociedade. Hoje, perto das civilizações, já se encontram índios se aventurando pelos caminhos evoluídos, até se comportando com apreciável senso nos negócios e na política...



00000

DIA DA TERRA

Valdiza Maria Capranico

A Terra é nossa casa...

Não tem, até este momento, nenhuma opção para vivermos fora dela...

E, o que estamos fazendo por ela? Com ela?

Apesar de muitos alertas de cientistas, de pessoas preocupadas com a vida em nosso planeta, poucos se importam com isso...

Poluição, desmatamento, destruição da vida selvagem, até quando?

Já estamos vivendo hoje, em tempos estranhos: animais selvagens procurando abrigo, alimento, em casas, apartamentos, áreas públicas...

Por conta do progresso desorganizado, o homem, cada vez mais, invade os espaços da Natureza que pertenciam a eles...

Mas, o homem está esquecido que a vida em nosso planeta é uma rede, onde, se destruímos um elo, aos poucos, toda ela será prejudicada! A vida de um ser vivo depende da vida do outro... Cada espécie animal ou vegetal que é extinta, traz consequências sérias a todos nós...

Será esse o destino final de nosso planeta? Destruído por seus próprios e "inteligentes" habitantes?

Não nos esqueçamos: A TERRA é nossa única casa! O que estamos fazendo por ela? Com ela?



VERSO

O CAMINHO

Carme Lina

É a mulher.
É a mãe e a peregrina da vida
Ela e ele caminham.

Ela em busca dos sonhos e ele das realizações
Chegam juntos
Os caminhanes.

A Mulher com sonhos
O Homem com propostas
Continuam juntos.

O vaso está pronto para acolher a semente
Do caminho
Dos caminhanes.

O caminho de volta para casa
Sonhos propostas
Pulsa a nova vida.

A criança.
Vida.
O menino.

O menino escolhe a vida
Vai caminhar com os caminhanes
que caminham
Seus caminhos.



Vidas se juntam.
O menino ensina
A Vida.

Não caminhar
De ternos caminhanes
De sonhos e prepostas.

SER

Elisabete Bortolin

Eu estou em iminente transformação
Envolta em altos e baixos
Idas e vindas cada vez mais
Marcantes e relevantes.

Eu estou em completa mutação
De energia que emana de meu ser
EU SOU aquela que se supera
Alcançando os marcos de uma nova era.

Eu estou abrindo caminhos em minha alma
Fazendo trilhas, descobrindo rios
EU SOU um ser em construção
Que luta para chegar a perfeição.



00000

EM SILÊNCIO COM A DOR

Raquel Delvaie

Essa dor que me dói todos os dias
Que está nas profundezas de meu ser
Que vem trazendo as bordas, a agonia
E me ensina na lide o que é doer.

Qualquer coisa na vida é o que eu faria
Para essa dor parar de me envolver:
Sonho com o momento que alumia
E toda a luz me tire o escurecer.

Em todo o brilho sinto-me perder
E minha alma mergulha no palor
E a languidez me faz desfalecer.

Oh! Coração magado e láo contrário
Vou ficando em silêncio com a dor
Até que ela se torne em mim um mito.



PALAVRA DO ESCRITOR:

"Amigos verdadeiros sempre estão presentes, não importa o tempo e a distância, mas nunca estarão mais distantes do que o alcance de nos esperar de braços abertos."
Plínio Montagner

Nosso amigo Plínio Montagner nos deixou no dia 26 de abril, aos 84 anos. Professor e escritor nos legou lindas crônicas sobre filosofia, cotidiano e do orgulho de ser professor.



CANTINHO INFANTIL

Dicas de livros de Alessandra e Tiago Guarnieri Betti
Visite o Bloguinho Infantil
<http://bloguinho-infantil.blogspot.com/>
Siga no Instagram:
[livros_inesqueciveis](https://www.instagram.com/livros_inesqueciveis)



O livro "O tempo" de Ivo Minkovius fala sobre a passagem desse bem tão precioso, que muitas vezes nem damos importância, que passa muito depressa e não tem como voltar.

O tempo foge e passa sem parar. Vai para o passado em lembranças que ficam guardadas dentro de nós. Registra o agora, que também passa bem depressa e logo vira futuro. O tempo vira passado e futuro num instante. E não para um minuto, nem um segundo!

Este livro mostra, com graça e muita sutileza, as formas que o tempo encontra para fazer o mundo acontecer.

Aproveite bem cada segundo, ame, ria, viva... o tempo é um presente que ganhamos a cada dia. Recomendamos!
Faixa etária: 05 a 99 anos
Você pode encontrar essa linda história em: <https://youtu.be/NEWA-cbmfHU>

